

§ 621

Quando prestamos atenção a todos os tipos de nosso conhecimento, facilmente percebemos que raramente podemos pensar sem sinais, ou de modo algum podemos pensar sem eles. Em nosso conhecimento geral e abstrato nos servimos das palavras ou de outros sinais arbitrários, mediante os quais mantemos as representações abstratas presentes em nossa mente; e se pensamos em coisas reais singulares, anexamos os conceitos delas a palavras ou conhecemos a realidade delas a partir de outros sinais. Mesmo quando sentimos, parece de fato como se conhecêssemos imediatamente os objetos; mas uma pequena reflexão pode nos convencer de que, afora as modificações de nossa alma, de que então somos conscientes, nós conhecemos todos os objetos restantes de nossas sensações a partir de certos sinais. Se vemos algo, nós o vemos mediante a imagem material que é por ele produzida, e esta é portanto o sinal a partir do qual conhecemos a realidade do objeto, § 273. Essa consideração pode, portanto, nos convencer plenamente de que na maior parte das vezes em nosso conhecimento representamos sinais e coisas designadas em seu nexo de designação. Por conseguinte, temos uma faculdade de conhecimento pela qual vinculamos sinais e significações uns com os outros, e queremos chamá-la de *faculdade de designação*. Em virtude dessa faculdade de conhecimento representamos uma representação e seu objeto como um sinal e conhecemos, por meio dele, uma outra representação e seu objeto como a significação; ou nós representamos uma representação e seu objeto como uma significação, e lhes vinculamos uma outra representação e seu objeto como um sinal. A faculdade de designação não é, portanto, senão uma atenção ao nexo designativo, no qual se encontram nossas representações e seus objetos por sua natureza; ou no qual as colocamos em virtude de alguma outra razão, § 506.

§ 622

Signo é tudo aquilo a partir do qual podemos conhecer a realidade de outra coisa, § 273. Ora, quando investigamos como é possível que possamos conhecer, a partir de uma coisa, a realidade de outra, isso pode ocorrer de uma dupla maneira, conforme o signo seja natural ou arbitrário, § 274. Se ocorre o primeiro, há entre signo e significação um

nexo por natureza, como entre causa e efeito. E quanto tivermos compreendido isso uma única vez, teremos representado simultaneamente uma das duas coisas como causa e a outra como efeito em seu nexo natural. Por conseguinte, as representações de ambas estão associadas em nossa mente, § 495. Se, portanto, a representação de uma vem de novo à mente, a representação da outra também nos ocorre novamente, pela lei da imaginação § 558. Por conseguinte, pela imaginação nós conhecemos o signo natural quando a significação nos vem à mente; e a significação, quando o signo natural nos vem à mente. De modo análogo, os sinais arbitrários são vinculados com suas significações em nossa mente, na medida em que os associamos uns aos outros e, conseqüentemente, ao surgir um sucede o outro [...] Conseqüentemente, a regra segundo a qual a faculdade de designação atua pode ser expressa da seguinte maneira: *uma das representações associadas é meio de conhecimento da realidade da outra.*

§ 623

Uma das considerações mais dignas de nota que podemos fazer nessa seção consiste na investigação do conhecimento intuitivo e do conhecimento simbólico, sem a qual não poderemos investigar corretamente a natureza da força de desejar. A saber, o conhecimento intuitivo de uma coisa consiste em a conhecermos sem signos ou em termos uma representação maior e mais forte dela do que do seu signo, que nós representamos simultaneamente ao lado dela. O objeto do conhecimento intuitivo pode ser uma de nossas representações ou uma outra coisa, e até mesmo os signos, e também podemos, portanto, conhecer intuitivamente palavras e outros signos. Alguns acreditam que em nenhum conhecimento intuitivo são encontradas representações de signos. Só que isso é contrário à experiência. Quando estamos numa comoção de ânimo, temos inegavelmente um conhecimento intuitivo da coisa pela qual nosso ânimo é posto em movimento. E não pode ser desconhecido de ninguém que, com muita frequência, em meio às comoções de ânimo, nós podemos falar e temos, portanto, de representar necessariamente os signos. Por conseguinte, o conhecimento também pode ser intuitivo, ainda que representemos os signos do objeto, desde que a representação da coisa seja maior e mais forte que a representação dos signos. Naturalmente, o conhecimento de uma coisa é tanto mais intuitivo quanto ele mesmo é maior e quanto é menor a representação dos signos ao lado dele. E ele não pode ser mais intuitivo do que quando as representações dos signos desaparecem totalmente ao seu lado, e quando

representamos a coisa sem nenhum signo. No conhecimento intuitivo nós dirigimos nossa atenção somente ou principalmente para a representação da coisa e abstraímos por completo dos seus signos ou lhes lançamos apenas de passagem um olhar fraco e fugaz. O conhecimento simbólico de uma coisa, ao contrário, consiste em representarmos os signos num grau mais alto que as significações. Nós dirigimos então a nossa atenção principalmente à representação dos signos e através deles nós divisamos, por assim dizer ao longe por detrás deles, as coisas que eles significam. Quanto mais forte é a representação dos signos e quanto mais fraca a seu lado é a representação da coisa, tanto mais simbólico é o conhecimento; e ele não pode ser mais simbólico do que quando nos ocupamos, a nós e a nossa atenção, de tal modo com a representação dos signos, que quase não representamos a própria coisa. Para se convencer da correção dessas explicações é preciso recorrer à própria experiência. Que se preste atenção, portanto, aos casos de que falamos, por exemplo, de um infortúnio, sem que se sinta tristeza: temos então certamente um conhecimento simbólico. Mas quanto estamos abalados, nosso conhecimento é intuitivo.

Meier, *Faculdade de ficção ou composição, Metafísica*, III.

§ 578

Se a alma coletou, pelos sentidos, um grande estoque de representações singulares que são reais no mundo; se ela as conserva por meio da imaginação e se as reconhece novamente, graças à sua repetição pela memória, como sendo as antigas [representações]; e se, por meio do engenho, tendo comparado [*gegen einander gehalten*] de muitíssimas maneiras diferentes todos esses conceitos de coisas singulares reais deste mundo, ela obteve um grande número de representações de suas concordâncias e, portanto, muitíssimos conceitos abstratos e gerais, então ela possui suficientemente materiais com os quais pode compor, como que por uma criação, novas representações, em parte das coisas singulares que ela não sentiu claramente, em parte dos gêneros e espécies que ela [não] abstraiu pela comparação daquelas coisas singulares que ela mesma sentiu claramente. E essa é a ocupação da faculdade de composição. Alguns acreditam que essa faculdade de conhecimento só gera ficções poéticas e outras ficções semelhantes. Só que uma pequena reflexão pode nos convencer de que ela se estende muito mais além. Isto é, nós compomos [*dichten*] ou fingimos [*erdichten*], quando representamos juntos como um

conceito partes de imaginações e representações desses conceitos abstraídos. Conseqüentemente, nós compomos: 1) quando tomamos imaginações diferentes juntamente com aqueles conceitos abstratos que abstraímos meramente de nossas sensações claras. Por exemplo, quando representamos na imaginação uma ovelha e um homem honesto e simples, junto com os conceitos abstratos de ovelha e de homem; 2) quando separamos por abstração muitas dessas imaginações; por exemplo, de uma ovelha, que ela não tem razão e linguagem, e de um homem, que ele possui figura humana. E 3) quando reunimos [*zusammenfassen*], pela reflexão, as partes restantes, § 515. Por exemplo, uma ovelha que pensa e fala racionalmente, como um homem inocente e sem falsidade: temos então uma ovelha fictícia. Conseqüentemente, quando compomos, obtemos uma representação de uma coisa singular, tal que nunca sentimos claramente, como, por exemplo, a ovelha há pouco referida; ou obtemos a representação abstrata de um gênero ou da espécie das coisas que não abstraímos apenas de nossas sensações claras, ou que também compreende sob si coisas singulares que jamais vimos ou sentimos claramente de outra maneira. Obtemos assim, por exemplo, o conceito de uma substância que representa o mundo apenas obscuramente. Nós apenas abstraímos o conceito abstrato de uma substância das nossas sensações claras e lhe vinculamos o conceito de uma representação meramente obscura do mundo e obtemos, portanto, com isso a representação de um gênero de substâncias que compreende sob si tais substâncias singulares que jamais sentimos claramente. Ora, como esses exemplos demonstram ao mesmo tempo que nossa alma compõe, temos também uma tal faculdade de conhecimento por meio da qual compomos e que chamamos de *faculdade de composição*. E porque ela não consiste senão na faculdade de representar as partes de muitas representações como um todo, portanto, como uma única coisa só, § 147, ela é uma espécie de reflexão, § 515, e de engenho, § 567. Se não possuíssemos nenhuma faculdade de composição, nós não poderíamos representar como possíveis e reais senão aquelas coisas que sentimos claramente; e não estaríamos, portanto, em condições de representar coisas possíveis de um outro mundo, e ainda muito menos de inventar algo novo. Até mesmo toda nova moda nas roupas é inventada pela faculdade de composição, na medida em que combinamos numa roupa as determinações que jamais havíamos sentido juntas noutra roupa.

Immanuel Kant, *Composição de um conceito. Tornar distinto um conceito x fazer um conceito distinto.*

1) É falso que nosso conhecimento, como afirma o autor, só se torne distinto por desmembramento [*Zergliederung*].

Nosso conhecimento pode ser tornado distinto

a) *per synthesin*

b) *per analysisin*

Mas aqui devemos distinguir bem a ciência de fazer um conhecimento distinto [*eine deutliche Erkenntniß zu machen*] da ciência de tornar distinto um conhecimento que antes era obscuro [*eine Erkenntniß, die zuvor dunckel war, deutlich zu machen*]. É que, ou fazemos um conceito distinto, e isso ocorre *per synthesin*, ou tornamos distinto um conceito que antes era confuso, e isso ocorre *per analysisin*.

Na *synthesis* engendramos e criamos, por assim dizer, um conceito, que até então não existia, de modo totalmente novo tanto *quoad materiam* como *quoad formam*, e o tornamos ao mesmo tempo distinto.

Todos os conceitos matemáticos são dessa espécie, por exemplo, os conceitos de triângulo, quadrado, círculo etc.

Todos os conceitos fingidos pela razão [*alle durch die Vernunft fingirte Begriffe*] são ao mesmo tempo distintos, mas somente *per synthesin*. Se um conceito deve se tornar distinto *per analysisin*, ele já tem de ser dado, ocupamo-nos em tornar claro e distinto o que é confuso e obscuro nesse conceito dado, em desenvolvê-lo, separá-lo e iluminá-lo. Aqui entram, por exemplo, todos os conceitos da metafísica.

Nestes se deve única e tão-somente tornar-se consciente das marcas que pertencem à coisa, por exemplo, no conceito de virtude, de vício, e por isso não necessitamos nada mais que analisar, separar e desmembrar, que tornar distinto os conceitos confusos.

A matéria, portanto, já está ali, devemos somente dar à coisa uma forma. Por meio da distinção analítica, não conhecemos numa coisa mais do que nela já tínhamos pensado antes, mas conhecemos apenas melhor, isto é, mais distintamente e com mais consciência, aquilo que já sabíamos realmente; por exemplo, no conceito de perfeição, indicarei primeiro a alguém os casos em que ele se serve da expressão “perfeição”, para com isso lhe ensinar o que ele entende propriamente por perfeição, que conceito se faz dela, e o que pensa quando enuncia a palavra perfeição, e o que atribui à coisa. Aqui ele descobrirá naturalmente que muito do que chama perfeito é realmente bastante imperfeito, ou até vicioso. Por exemplo, o voluptuoso considera sua *vagam libidinem* a máxima perfeição possível. Pois se não

fosse assim, seria impossível que dependesse tão fortemente dela, e nela encontrasse um contentamento tão grande, que nele obscurece todos os outros. O desmembramento, portanto, visa tornar distinto o que é obscuro. A composição [*Zusammensetzung*] do conhecimento, porém, ou síntese é única e exclusivamente útil e proveitosa para produzir algo novo e, ao mesmo tempo, também torná-lo distinto.

Todos os conceitos do entendimento humano são, em geral, ou

1. *conceptus dati*, ou
2. *conceptus facti*.

Um *conceptus datus*, conceito dado, é aquele que é produzido pela natureza de nosso entendimento ou também pela natureza.

Conceptus facti, conceitos feitos, são aqueles arbitrariamente gerados ou fictícios [*erdichtet*] por nós, sem que tenham sido dados antes.

Todos os conceitos fictícios são produzidos ao mesmo tempo com distinção.

Pois nele se finge algo arbitrário e, ao mesmo tempo, com consciência dele.

Desses *conceptus facti*, há muitos na estética e na matemática. Na filosofia, ao contrário, há *conceptus dati*. [...]

Fazer um conhecimento significa fingir [*dichten*]. [...]

Fazer um conhecimento, *facere*, significa fingi-lo, *fingere*.

Um *conceptus factitius*, portanto, é também ao mesmo tempo um *conceptus fictitius*.

Fazer, portanto, um conhecimento distinto e com *consciência* significa fazer um conhecimento distinto.

Todas as definições matemáticas são, portanto, fictícias, e não passam, pois de conceitos feitos, arbitrários, distintos da coisa.

(*Logik Blomberg*, p. 130-132)

2) Todas as definições matemáticas e todos os conceitos são reais e infalíveis. (Na filosofia, eles são determinados antes e necessários.) Pois o matemático se propõe algo [*nimmt sich etwas vor*] e o define como quer e de acordo com sua necessidade [*erklärt es so wie er es will und nöthigt hat*]. Assim, por exemplo, Wolff definiu a luz, o espaço, o ar etc. etc. na matemática. Ao filósofo, porém, algo é dado. Quem quisesse definir algo na filosofia tal como dele precisa para seu sistema, *ille gryphis iungere equis*. Wolff procedeu assim.

(Kant, *Vorlesungen über Logik. Logik Philippi*, Edição Akademie, vol. XXIV, I, p. 320)

3) O autor fala aqui de conceitos por ligação arbitrária. Todos os *conceptus ficti*, porém, são feitos *vel per combinationem, vel per separationem arbitrariam*. Todavia deve-se observar em geral que em todos os nossos conceitos fingidos apenas a forma é e se torna fingida.

A matéria jamais pode ser fingida, quem não vê, não pode fingir para si nenhuma cor, quem não ouve, não pode fingir para si nenhum som. Toda forma, porém, é fingida segundo a proporção do tempo e do espaço e da natureza geral de nossa razão. Todos os conceitos são, ou empíricos, ou conceitos transcendentais da razão. Aos últimos pertencem as representações de possível e impossível, de necessário e contingente, estes não surgem de modo algum da experiência, e não são abstraídos dela, mas produzidos pela razão pura [*durch die reine Vernunft hervorgebracht*]. Os conceitos são, portanto, ou dados, ou feitos. Eles são dados, ou pela experiência, ou pela razão pura. São feitos se não são dados, nem pela experiência, nem pela razão pura. Esses conceitos feitos, porém, são sempre fingidos segundo a forma. Pela abstração [*Absonderung*], penso numa parte do conceito, pela separação, porém, nego algo de meu conceito. Abstração [*Absonderung, Abstraction*], separação [*Trennung, Separation*] são, portanto, diferentes uma da outra. Pela separação surgem apenas conceitos fingidos, mas pela abstração, jamais. De uma *fictione separando facta* pertence uma *remotion* daquilo que costuma estar ligado ao conceito. Fingimos [*man erdichtet*] muito *separando*, todos os romances surgem por meio desse tipo de ficção. Da mesma maneira, também precisamos fingir a Idéia de Deus [*auf eben diese Art muß man sich auch die Idee von Gott fingiren*], abstraindo [*absondere*] todas as imperfeições dele e chegando, portanto, ao conceito do ser supremo. Pela ligação, porém, fingimos algo, quando juntamos muita coisa que na experiência jamais está ligada uma a outra. Desse modo, como já foi mostrado, surgem os romances. O sábio estoico surge por meio dessa ficção, damos-lhe mais força do que é própria ao homem. Essas ficções são, ou *fictiones aestheticae*, ou *heuristicae*.

Logik Blomberg, p. 262.

4) Se invento para mim mesmo seres [*Wesen*], como Leibniz as mônadas, então posso conhecer essas essências; pois eles são meu próprio trabalho. (*Philippi*, p. 408)

5) Com frequência nós fingimos/construímos conhecimentos pela fantasia, nós construímos [bilden] por assim dizer nosso próprio mundo. (Blomberg, p. 252)

6) Todos os conceitos são, quanto à matéria, ou bem dados (*conceptus dati*) ou bem factícios (*conceptus factitii*). Os primeiros são ou *a priori* ou *a posteriori*.

Todos os conceitos dados empiricamente ou *a posteriori* se denominam conceitos da experiência; os que são dados *a priori*, *noções*.

Observação. – A forma de um conceito, enquanto representação discursiva, é sempre factícia. (*Lógica Jäsche*, Dos Conceitos, § 4, trad. Guido Antonio de Almeida, p. 111)